

A diáspora africana e suas implicações na figura da mulher negra na sociedade atual

Clara Alencar V. Pimentel¹

RESUMO: Este trabalho dedicar-se-á a identificar as maneiras como o fenômeno da diáspora africana – a captura, a travessia, a chegada ao novo ambiente e conseqüente adaptação -, tiveram influencia sobre a constituição do pensamento feminista negro. Os romances *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Beloved*, de Toni Morrison serão usados a título de exemplificar os argumentos. O conceito de ‘diáspora africana’ será definido, de modo a facilitar a compreensão do estudo.

Palavras-chave: Diáspora Africana; Feminismo Negro; Feminismo Transnacional

Este trabalho dedicar-se-á a identificar as maneiras como o fenômeno da diáspora africana – a captura, a travessia, a chegada ao novo ambiente e conseqüente adaptação -, tiveram influencia sobre a constituição do pensamento feminista negro. Abordaremos a questão a partir do ponto de vista teórico, do feminismo transnacional e, obviamente, estudiosos do dito fenômeno. Buscando aplicabilidade no objeto de estudo, utilizaremos dois romances, um brasileiro e outro estadunidense: *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves, e *Beloved*, de Toni Morrison, respectivamente. Objetivamos uma breve comparação da postura das sociedades em questão para com as mulheres, suas edificadoras e progenitoras.

A princípio, preocupar-nos-emos em definir o conceito de ‘diáspora africana’, de acordo com Stuart Hall e Paul Gilroy. Entendendo o termo ‘diáspora’ como algo mais que êxodo ou deslocamento, especialmente no contexto africano, assumimos a importância do aspecto transnacional para o mesmo, uma vez que, sem o trânsito entre nações e a conseqüente adaptação dos indivíduos ‘viajados’, o conceito em questão certamente não estaria merecendo tanta atenção por parte dos acadêmicos. O fato de confrontar duas (ou mais) sociedades lhes traz desconforto, especialmente se este encontro se dá com base em diferenças de poder e subjugação. A diáspora africana para o Novo Mundo, impulsionada e propagada pelos países europeus que nela viam grande fonte de lucro – foi uma das maiores empreitadas comerciais dos idos coloniais – é atualmente estudada em toda a sua extensão geográfica, antropológica, sociológica,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

literária e em todas as outras maneiras que o contato entre seres humanos pode gerar expressões.

Wendy Walters inicia seu livro *At home in Diaspora – Black International Writing* – com a seguinte definição de diáspora, que ela apropria de Isidore Okpewho: “espaço global, uma teia de abrangência mundial, que se deve tanto pelo continente original quanto por qualquer lugar no mundo em que seus filhos possam ter sido levados pelas infortunas forças da história”² (WALTERS, 2005, p. vii). Adotaremos essa definição por ter referências claras ao aspecto maternal da terra, que perde seus filhos para a dominação de outrem – bem como a mãe autóctone realmente perdeu os seus para o colonizador, que nos é extremamente caro, por nosso objeto de análise ser o feminino em face da diáspora. Além disso, a autora acredita que “a noção de diáspora pode representar uma construção do lar múltipla, plurilocal, portanto, evitando idéias de fixidez, liberdade espacial, e exclusividade nostálgica que a idéia de *lar* tradicionalmente levanta” (WALTERS, xvi). Diáspora é a ausência de lar em um primeiro momento e, em seguida, a reconstrução do ambiente acompanhada do freqüente desejo de retorno ao que foi perdido.

James Clifford, em seu artigo intitulado *Diasporas*, afirma que o termo costuma pressupor maiores distancias e o desejo de retorno como utópico. O autor cita William Safran, que conseguiu estabelecer seis definições do conceito, das quais usaremos apenas duas, no momento: “comunidades de minorias expatriadas” (1) que são dispersas de um centro original para pelo menos dois lugares periféricos; (2) que mantêm uma “memória, visão ou mitologia sobre a pátria original” (in: CLIFFORD, 1998, p. 304). O movimento de dispersão é o que origina o termo, é o que aproxima a diáspora judaica da africana, por exemplo. Ainda que a primeira tenha ocorrido por diferentes motivos e tenha tido efeitos também distintos, o trânsito é o que assemelha os povos em questão. No entanto, Paul Gilroy afirma que “parece imperativo impedir que a diáspora se torne apenas um sinônimo de movimento” (GILROY, 2001, p. 22) que cuidemos para não observar o fenômeno africano apenas como o resultado final do trânsito – uma vez que encarar dessa maneira o fenômeno possibilitaria retirar dele o aspecto conflituoso e violento -, mas toda sua extensão de movimento – a busca, a captura, as negociações de venda, o armazenamento das ‘peças’, a viagem já como cativos, a travessia no

² As traduções serão nossas. “*Diaspora* as ‘a global space, a worldwide web, that accounts as much for the mother continent as for wherever in the world her offspring may have been driven by the unkind forces of history’”.

Atlântico, a chegada ao Novo Mundo e, finalmente, a adaptação e as manifestações culturais desses homens e mulheres nas novas terras.

Para Stuart Hall, o conceito de diáspora “está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2008, p. 32), ou seja, é o confronto entre o ‘eu’ e o desconhecido que causa a indisposição presente entre os indivíduos da diáspora. O despreparo para conhecer o *outro*, o autóctone em seu ambiente original, com suas línguas e costumes. A dificuldade em admitir que, por mais diferente, ele se encontra em meio à sua *cultura*. Nos idos das Grandes Navegações, o europeu que saía de suas terras com destino incerto, esperava deparar-se com titãs, sereias, ciclopes, criaturas fantásticas e, ao encontrar-se diante de outro tipo de diversidade, transferiu a imagem criada das terras ‘conquistadas’ para os homens que encontraram nelas. A apropriação geográfica deu-se na mesma medida da dominação do semelhante, de modo a termos estudos que associam a violação da terra à feminina. O transportado é visto como estrangeiro ainda nas terras para onde foi levado, o que mantém a relação de poder e abuso.

A mulher autóctone africana foi tão violada como sua terra e, até os dias de hoje, sofre as implicações dessa violência, que a limita entre muros sociais e a estagna em estereótipos. Sendo assim, almejamos delimitar de quê maneira o estudo sobre a diáspora negra está relacionado a este tipo particular de feminismo, usando os romances mencionados para exemplificar a construção do pensamento que possibilitou o surgimento do segundo.

A fim de fazer uma retrospectiva significativa ao nosso estudo, buscaremos ainda em África bases para compreender os motivos que levaram a grande maioria das transportadas a aceitarem a dominação branca e o regime de trabalho a que foram inseridas quando chegaram às Américas: lá, ainda que a mulher mais velha, a matriarca da família fosse valorizada e ouvida, as esposas e meninas vivam sob os olhares controladores de maridos e pais, seguindo tradições e costumes culturais. Devido ao fato de alguns africanos seguirem a religião muçulmana, patriarcal por princípio, as mulheres estavam acostumadas a encarar dificuldades de convivência (e competição, gerada pela poligamia) umas com as outras, o que favorecia a segregação, intrigas e desunião entre elas. O homem da casa e os filhos dele já representavam a ordem dominante a ser seguida e, com a captura e transporte, é bastante provável que a mulher africana tenha transferido a figura de ‘senhor’ do seu marido para o homem branco que

a explorava e ameaçava sua integridade (HOOKS, 1981, p.17). Os colonizadores, observando a organização social africana, não tiveram receio de implantar o mesmo regime em novas terras, por saberem que, somando-o ao medo do chicote, a “tendência natural ao trabalho” da mulher negra se manifestaria de modo a favorecer as plantações e os serviços domésticos.

De todo modo, o esquema civilizatório e colonial já impunha que uma ordem deveria ser seguida, que relações de poder deveriam ser implantadas. Idiomas, nomes, endereços foram substituídos de modo a possibilitar a sobrevivência dos colonizados neste novo modelo. Carole Boyce Davies defende que, semelhantemente à terra, a língua também foi violada pelos homens invasores. Os domínios lingüísticos e territoriais são associados ao feminino: “a natureza empoderada da língua e do discurso e sua relação freqüente com o domínio fálico tem de ser desconstruída. Em particular, quando as mulheres usam a língua, então, ela é removida de suas identificações masculinas primárias” (DAVIES, 160). A autora nos chama atenção para o pequeno número de produções literárias em línguas não colonizadas e vê, na ampliação deste corpus o aspecto político da literatura.

Em *Um Defeito de Cor*, Kehinde aprende a ler ainda criança, quando fazia companhia para a Sinhazinha, em suas aulas com o Fatumbi. Ela percebera, naquele momento, a importância do domínio da variedade escrita, que possibilitaria sua compreensão do mundo dos brancos de maneira mais ampla. Torna-se leitora de padre Antônio Vieira, textos com os quais o professor lhe havia presenteado e que tiveram certo impacto quando de sua vivência na senzala grande. Em certa noite, após ler um dos sermões, observa o impacto da leitura em suas colegas de baía:

Foi ela [Rosa Mina] quem conseguiu entender as palavras do padre Antônio Vieira, dizendo que ele estava mesmo certo, que na vida nós devíamos ser como o sal. A carne que comíamos não era salgada? O sal era para ela não estragar, e nós também precisamos ser assim, fazer a nossa parte para conservar as coisas boas, tanto para nós quanto para as pessoas que vivem ao nosso redor. Fiquei com vontade de perguntar se os amigos do Fatumbi conheciam as palavras do padre Antônio Vieira, se era disso que eles falavam quando diziam que tínhamos que nos unir e lutar pelo nosso direito de sermos iguais aos brancos (GONÇALVES, 2007, p. 123).

Kehinde apropria-se da língua do colonizador em suas variedades e, na tentativa de não perder suas raízes com a pátria mãe, mantém seu nome original, como resistência. Suas crenças religiosas também são mantidas, na consciência de que, cultuando os voduns de sua avó ela estaria mais perto de seu seio familiar, não se esquecendo ‘de onde veio’. A personagem tenta passar esses ensinamentos para seus

filhos, levando-os para a cerimônia de nome com um babalaô e fazendo oferendas aos seus orixás. Na comunicação com os meninos, mantinha algumas palavras iorubanas, de modo que eles trouxessem o conhecimento dos antepassados ainda que inconscientemente.

No romance brasileiro, a importância da comunidade, ou, pelo menos, da rede de amizades é extremamente importante para a sobrevivência e manutenção. As presenças de Esméria e Adeola são fundamentais para que Kehinde consiga criar seus filhos. Mesmo quando ela encontra-se foragida por conta do Levante dos Malês, é a primeira que se responsabiliza pelos cuidados com Luís, único filho que lhe restara. Esméria é, para a personagem principal, mais do que mãe amiga: é como uma parente próxima, a quem ela confiava o que lhe era mais valioso.

Algumas feministas negras, como Boyce Davies e bell hooks atestam a frequência e importância de alianças como as traçadas entre as personagens acima para a superação de obstáculos. Para hooks, o amor por si mesma, e pela comunidade, é a saída para a prisão social em que são enquadradas as mulheres negras. Além disso, o aprendizado que se pode ter a partir dos mais velhos deve ser levado em consideração para que se consiga evitar tensões desgastantes.

Em *Beloved*, é somente após pedir ajuda de suas vizinhas que Denver consegue expulsar o fantasma da irmã morta e possibilitar que sua mãe encontre novamente o estado de mente sã. Nos tempos em que Baby Suggs era viva, todos experimentaram a vida em comunidade, em que cada um acrescentava mais à realidade do outro. Como sua avó era uma mulher de muita sabedoria, reconhecida por todos, as mensagens que ela deixou ficaram marcadas naqueles que a ouviram. Especialmente, Baby Suggs passou lições sobre como tratar o próprio corpo, como superar as marcas que a escravidão deixou no corpo e no intelecto dos sobreviventes. Ela dizia

Ah, minha gente, eles não amam suas mãos. Aquelas que eles apenas usam, amarram, atam, deceparam e deixam o vazio. Amem suas mãos! Amem-nas. Levantem-nas e beijem-nas. (...) Mais do que o seu útero que segura a vida e as suas partes íntimas que geram vidas, escute-me, ame seu coração. Este é o verdadeiro prêmio (MORRISON, 2004, p. 103/104).

Denver, quando criança, freqüentava uma pequena escola, onde aprendeu o básico para comunicar-se através das palavras escritas. No entanto, pelas circunstâncias de sua vida, pela figura amedrontadora de sua mãe, ela não concluiu as etapas daquele estudo. Apesar disso, quando ela precisou da ajuda das pessoas que estiveram

conectadas a ela no período ruim de sua infância, todas elas puderam ajudar, e, em coro, em conjunto, exorcizaram a casa 124 da rua Blueston do seu fantasma mais aterrorizador – a filha morta que voltara para exigir seu papel e retomar seu lugar como a mais amada.

O retorno de *Beloved* é visto, pelas críticas feministas aqui enfatizadas, como o desejo de resolver o que ficou sem resposta, de apaziguar, ou, pelo menos, harmonizar as tensões que os abusos e violências da escravidão geraram no físico e na psique femininas, expressas em Sethe. É através da memória e da revisita ao passado que novas saídas são traçadas.

Atualmente, o feminismo negro ainda precisa de apoio e divulgação para atingir as camadas sociais e econômicas, para propor mudanças de paradigmas e, assim, como em *Beloved*, redefinir as trajetórias do reconhecimento para com as mulheres afro-descendentes. Nos Estados Unidos da América, vemos grande avanço nas políticas públicas e de afirmação, culminando na postura de Condoleezza Rice na Secretária de Estado. Apesar dos avanços, ainda muito se debate sobre a efetiva atenção que recebem as mulheres que tiveram grande participação na edificação do país. No Brasil, estamos caminhando devagar, tanto na esfera trabalhista como de saúde e educacional. O site Geledés (<http://www.geledes.org.br/desigualdades-racias/trabalhadoras-sofrem-com-desigualdade-de-genero-e-de-raca.html>), acessado em 23/05/10, às 16h32, publicou as seguintes considerações sobre o mercado de trabalho e salários de mulheres negras neste país:

"As mulheres - principalmente as mulheres negras - possuem rendimentos mais baixos que os dos homens e, ainda que em média tenham níveis de escolaridade mais elevados, seguem enfrentando o problema da segmentação ocupacional, que limita seu leque de possibilidades de emprego", afirma o estudo da OIT, ligada à Organização das Nações Unidas (ONU).

Entre 1998 e 2008, aumentou a proporção de mulheres que são "chefes de família", ou seja, que são as principais responsáveis pelo sustento do lar. Essa porcentagem subiu de 25,9% para 34,9%, que equivale a mais de um terço das famílias brasileiras. Aumentou também a parcela de núcleos formados por mães que cuidam sozinhas dos filhos: de 4,4% para 5,9%.

Para advogados brancos, o salário médio de admissão nos últimos seis meses foi de cerca de R\$ 3 mil. Neste período, informa o Salariômetro, houve 150 contratações com o mesmo perfil, na localidade informada.

No caso das advogadas negras, o salário médio de admissão no último semestre foi de R\$ 1,48 mil. Durante este período, houve registro de apenas duas contratações com este perfil na capital paulista.

"As mulheres e os negros são mais presentes nas ocupações informais e precárias e as mulheres negras são a grande maioria no emprego doméstico, uma ocupação que possui importantes deficits no que se refere ao respeito aos direitos trabalhistas", completa o documento da OIT.

O feminismo eurocêntrico esteve mais preocupado em garantir *direitos* às suas ativistas. Elas clamavam pelo direito de trabalhar, de escolherem parceiros ou permanecerem solteiras, de evitarem filhos, ou não. O movimento não conseguiu olhar para as mulheres que compunham o cenário social de então, mantendo-se igualmente segregador e impondo relações de poder. De acordo com Jurema Werneck, “no feminismo original não havia diferenças palpáveis, de classe social ou de raça. Só existia a questão de gênero. E não se encarou os conflitos que existiam por causa dessas diferenças” (WERNECK, 2002, p. 63). Os problemas enfrentados eram da esfera das possibilidades e castrações que o sistema patriarcal europeu limitava ou impunha às suas mulheres.

As mulheres negras, ao contrário, já estavam familiarizadas com o trabalho há muito, e, espelhadas na possibilidade de diálogo aberta pelas primeiras feministas, desejavam a regulamentação, “direitos trabalhistas e não o direito de trabalhar. Ao contrário da mulher branca que vivia a bordar, dar ordens aos escravos e servir seu marido e ‘senhor’, a mulher negra sempre assumiu o papel de ‘aglutinadora’ e ‘provedora’ da família. Foi ela quem assumiu a criação de seus filhos, na época em que a sociedade escravocrata matava, mutilava e separava as famílias negras” (in: WERNECK, 2002, p. 64). Rosália de Oliveira Lemos nos chama a atenção para as teorias de inferioridade racial que contaminaram também o movimento feminista negro. Entrevistando Vânia Santana, Lemos ressalta: “Os brancos sempre desconfiaram da gente. Sempre se sentiram ameaçados diante do contato que poderia levar a uma perda moral ou material. Essa coisa entre nós é impressionante. Estamos sempre desconfiando do outro” (p. 65), e vê que é essencial a desconstrução de imagens fixas no inconsciente coletivo, que estagnam as pessoas e as enquadram em esquemas sociais.

A luta contra os racismos internalizados faz parte da proposta de feministas negras brasileiras, uma vez que elas têm a consciência de que este fenômeno mais impede a evolução pessoal e coletiva, aprisiona mentes e corpos e mantém os ‘lugares sociais’ como inquestionáveis. Angela Davies, uma das principais ativistas do movimento negro estadunidense dos anos 60, observando a configuração da discussão racial no Brasil, considera: “Sei que no Brasil a segregação não foi institucionalizada e isso alimenta o mito da democracia racial. Quando uma pessoa se sente discriminada, mas não tem consciência disso, vai achar que o problema é com ela, que deve ter feito algo de errado. O racismo internalizado é uma questão importante. As mulheres negras brasileiras têm

criado diversas metodologias de trabalho nessa área. Essas práticas desafiam estereótipos e estimulam sua auto-estima” (in: WERNECK, 2002, p. 69).

As personagens principais dos romances analisados neste trabalho já começam a desafiar os estereótipos, de modo a possibilitarem auto-olhares positivos, engrandecedores e perceberem-se como dignas de grandes feitos. Kehinde era consciente de sua capacidade empreendedora e alcançou sucesso econômico com sua batalha diária contra as condições de escrava e, depois, de forra, que a limitavam a trabalhos pré-estabelecidos. De volta a Uidá, torna-se empresária e inova o setor arquitetônico da região. Sethe não teve como objetivo primeiro conseguir sua autonomia econômica, mas, sua transposição foi no campo do religioso e pessoal. Denver e ela incorporam a filosofia do amor de Baby Suggs e conseguem olhar-se de maneira mais positiva após a expulsão de Beloved. Finalmente, constituem-se como senhoras de si.

ABSTRACT: This paper aims at identifying de ways in which the African Diaspora – capture, the Middle Passage, the arrival at a new atmosphere and consequent adaptation – influenced the constitution of Black Feminism. We will refer to the novels *Um Defeito de Cor*, by Ana Maria Gonçalves and *Beloved*, by Toni Morrison as a means of exemplifying our theory. The concept of African Diaspora will be defined, to provide the reader better understanding of this study.

Key-words: African Diaspora; Black Feminism; Transnational Feminism

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 304 p. ISBN 978-85-85910-16-7

BENISTE, José. *Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento*. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sérgio Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo, Brasiliense: 1988.

BOGLE, Donald. *Toms, Coons, Mulattoes, Mammies & Bucks. An interpretative history of Blacks in American Films*. New York: The Continuum International Publishing Group Inc. 4th ed. 2006. 454 p.

- DAVIES, Carole Boyce. *Black woman writing and identity. Migrations of the subject*. New York, Routledge, 1994. 229 p. ISBN 0-415-10086-0
- DEL PRIORI, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contextop, 1997. 680 p.
- DUBOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. – Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999. 323 p. ISBN 85-7384-051-X
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432 p. ISBN 85-7326-196-X
- GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1997. 144 p. ISBN 85-7025-421-0
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um Defeito de Cor*. Rio de Janeiro: Record, 2007. 2ª Edição. 952 p. ISBN 978-85-01-07175-0
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guarda Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 410 p. ISBN 978-85-7041-356-7
- HOOKS, bell. *Ain't I a woman: Black women and feminism*. South End Press, 1981. 210 p. ISBN 0-89608-129-X
- _____, bell. *Salvation: Black people and Love*. New York: Perennial Ed. 2001. 227 p. ISBN 0-06-095949-5
- MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminism without borders: decolonizing theory, practicing solidarity*. Durham & London, 2003. 301 p. ISBN 0-8223-3010-5
- MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Random House, 1987. First Vintage International Edition, 2004. 324p. ISBN 1-4000-3341-1
- PINTO, Céli Regina J.. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 120 p. ISBN 85-8646-83-1
- RICHARDS, Constance. *On the winds and Waves of Imagination: Transnational Feminism and Literature*. New York & London: Garland Publishing, Inc. 2000.
- SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 288 p.: il.
- WALTERS, Wendy. *At home in Diaspora: Black international writing*. The University of Minnesota Press, 2005. 179 p. ISBN 0-8166-4492-6

WERNECK, Jurema (org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Jurema Werneck, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2002. 257 p. ISBN 85-347-0288-8